



**XII** Congresso  
Fluminense  
de Iniciação Científica  
e Tecnológica

**V** Congresso  
Fluminense  
de Pós-Graduação

Ciência para o Desenvolvimento Sustentável

## O antagonismo político e a relação de dominação carismática

Nelson Lellis

A discussão das últimas obras de Chantal Mouffe levanta o tema das diferenças entre o *antagonismo* e o *agonismo* na esfera do que chamou de *pós-democracia*. No *antagonismo*, os atores políticos constroem um cenário onde o processo de relação ocorre entre o “nós” e o “eles”. “Nós” é formado pelo grupo que se identifica com determinado programa hegemônico, enquanto “Eles” são os inimigos que devem ser eliminados. No *agonismo*, os atores políticos são *adversários* que, seguindo o jogo constitucional, obedecem critérios e limites da disputa. No Brasil, o jogo político protagonizado por atores carismáticos acentuam o *antagonismo*. A partir de uma análise da sociologia compreensiva (Weber), percebe-se que a dominação carismática pelo viés religioso, com discursos que buscam comprometer a relação com o adversário político, tende a inverter o processo da realidade para uma hermenêutica teológica da esfera pública, comparando atores políticos a personagens bíblicos ou classificando-os com termos religiosos, como “falsos profetas” a serem combatidos. Neste aspecto, o presente trabalho tem por interesse apresentar parte da pesquisa de doutorado realizado no PPGSP/UENF que discute o cenário político-religioso brasileiro, tendo como sujeito dessa análise o cabo Daciolo. Tendo sido líder do movimento SOS Bombeiros (2011), criou uma narrativa em que o “inimigo” político e opressor era o então governador do estado do Rio de Janeiro Sérgio Cabral, denominado por Daciolo de Nabucodonosor (imperador babilônico). Eleito deputado federal pelo PSOL em 2014, Daciolo construiu, em seus discursos, a classificação de políticos como “falsos profetas” (“eles”). Durante seu mandato, suas participações no Plenário da Câmara e os Projetos de Lei (PL’s) criados como parlamentar, consolidaram sua identidade carismática e sua teodiceia que [ainda] aponta para um personalismo político (“eu”) e a desqualificação do adversário político que, em sua visão, seriam ferramentas do “inimigo” (na linguagem religiosa, o *diabo*). Tal desqualificação ajudaria a intensificar a oposição “nós”-“eles”, todavia, a pesquisa tem apontado que este líder demonstra considerável nível de sucesso enquanto carismático religioso (“profeta-emissário”) possibilitando a categorização “eu”-“eles” em processo de constante defesa pela personalização da política.